

“CABELO, BARBA E BIGODE”: MEMÓRIA DOS BARBEIROS EM SERGIPE (1960-2007)²²

Eduardo Lopes Teles

Graduando em História da Universidade Federal de Sergipe
(PIBIC-CNPq/UFS/HOPNET)

Antônio Fernando de Araújo Sá

Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe
(orientador – HPOPNET/UFS)

RESUMO

A historiografia contemporânea, cada vez mais, tem se voltado para o registro de grupos sociais anteriormente excluídos do discurso histórico. Nesse sentido, o Grupo de Pesquisa História Popular do Nordeste, vinculado ao Departamento de História e ao Mestrado em Letras, lançou o projeto “*Cabelo, Barba e Bigode*”: *memória dos barbeiros em Sergipe (1960-2007)*, com o objetivo de reconstituir a trajetória de uma categoria profissional sobre a qual as informações são quase inexistentes. A pretensão é perceber as formas de organização e parte da história silenciada dos barbeiros em Sergipe através de suas memórias, onde nos valem da História Oral. Escrever a história dos barbeiros em Sergipe possibilitou-nos pensar as transformações do mundo do trabalho em nosso estado ao longo dos últimos cinquenta anos, contribuindo também para reiterar a importância da História Oral para a escrita da História Social do Trabalho.

Palavras-chave: História Social do Trabalho, História Oral, Barbeiros

ABSTRACT

The contemporary historiography, more and more, turns itself to the register of social groups previously excluded from historical speech. Then, the *Grupo de Pesquisa História Popular do Nordeste* entailed to the History's Department and at the Language Mastership, has launched the project "Hair, beard and Mustache": *memory of barbers in Sergipe (1960-2007)*, with the objective of reconstituting the trajectory of a professional category even knowing the information is practically inexistent. The pretension is to perceive the forms of organization and part of the silenced history of the barbers in Sergipe through their memories, in which we will use the Oral History. Writing their history in Sergipe enabled us to think about the changes in the job field in our state in the last fifty years, also contributing to reiterate the Oral History importance for the Social History of Work writing.

²² Esta comunicação é uma versão adaptada do Relatório Final do projeto “Cabelo, barba e bigode”: memória dos barbeiros em Sergipe (1960-2007) apresentado a Coordenação de Pesquisa (COPES) vinculada a Pro-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PROGRAD) da UFS, que concorreu ao Prêmio Destaque Iniciação Científica da UFS obtendo Menção Honrosa.

Key-words: Work's Social History, Oral History, Barbers.

A Escola dos Annales, ao se pautar pela idéia de que todas as ações humanas são dignas da atenção da História, colocou em xeque a História construída com base nos grandes acontecimentos, grandes personagens, propugnando a ampliação da noção de fonte histórica para além do documento escrito oficial. Desse modo, as pesquisas desenvolvidas pelos estudiosos ligados a esta Escola contribuíram para o registro de personagens anteriormente excluídos da escrita histórica, os que estão fora dos documentos oficiais. Isso vai requerer o desenvolvimento de metodologias para o auxílio no trato com uma maior variedade de evidências por parte do historiador, explicando o diálogo com as ciências humanas e a incorporação de metodologias oriundas de outros campos do saber (como a Sociologia e a Antropologia) na contemporaneidade.

A moderna História Oral surgiu logo após a Segunda Guerra Mundial, em 1948, na Universidade de Columbia em Nova York, onde Allan Nevis utilizou o termo pioneiramente para indicar uma nova postura em relação à formulação, difusão e tratamento das entrevistas. Foi resultado da necessidade de se captar as experiências vividas pelos que estiveram envolvidos nesse conflito, conjuntamente com o avanço dos meios de comunicação, que permitiu que as narrativas orais fossem registradas por meio do gravador. Esse processo vai se acentuar com a utilização das entrevistas nos programas de rádio e a transcrição dos depoimentos nos jornais e mais tarde na televisão, onde os primeiros programas de entrevistas deram destaque a heróis e grandes figuras.

Somente na década de 1960, na Universidade de Essex, na Grã-Bretanha, é que a reunião de relatos pessoais se volta para as pessoas comuns, os que não detém o poder, destacando-se o trabalho do historiador Paul Thompson, pioneiro na reflexão e na utilização desse método de registro histórico (FREITAS, 2002, p. 30). A História Oral emerge então como uma metodologia necessária no trato com um novo tipo de fonte: a memória. A incorporação dos depoimentos como fonte histórica traz à luz os mais diversos grupos que dão vida a sociedade como sujeitos ativos na construção da História, em detrimento dos grandes homens. Desde então, negros, prostitutas, homens

pobres, mendigos tem suas histórias de vida recolhidas através de um gravador e incorporadas como fontes para o discurso histórico.

O interesse do professor Samuel Cohn, do Departamento de Sociologia da Universidade Texas A & M (EUA) em registrar para sua pesquisa alguns depoimentos de barbeiros e cabeleireiros, fez com que nos voltássemos para esses profissionais excluídos de nossa historiografia, sobre os quais paira uma escassez de fontes. Como a proposta do *Grupo de Pesquisa História Popular do Nordeste* é produzir novas versões historiográficas, principalmente as que contestam a hegemonia da História Oficial, juntamos o útil ao agradável, e colocamos em execução o projeto “*Cabelo, barba e bigode*”: *memória dos barbeiros em Sergipe (1960-2007)*, já que as pesquisas do professor norte-americano, mesmo sendo de cunho sociológico, já indicavam que a memória coletiva dos barbeiros nos forneceria amplas possibilidades de contar o que não foi contado sobre a História de Sergipe.

À medida que avançávamos na recolha dos testemunhos, percebíamos que nosso trabalho era a ponta do *iceberg* sobre a parte que cabe aos barbeiros na História do Trabalho em nosso estado. Diga-se de passagem, sobre este campo da História de Sergipe ainda permanecem muitas lacunas.

Neste artigo, pretendemos socializar os resultados obtidos após um ano de execução do projeto. Para isso, faremos um breve histórico da trajetória dos barbeiros no Brasil, com base na escassa literatura que conseguimos levantar e uma breve análise sobre cinco entrevistas transcritas das nove colhidas pelo projeto.

UM POUCO DA HISTÓRIA DOS BARBEIROS NO BRASIL

Os indícios acerca dos barbeiros no Brasil remontam ao início do período colonial quando o ofício aqui chegou com os padres jesuítas. Em 1549, os barbeiros, como os cabeleireiros, eram inseridos nas classificações de artes e ofícios no Brasil como artes distintas, diferença que permanece até os dias de hoje. Porém, a atuação e modo de trabalho dos barbeiros não são registrados, embora possamos constatar indícios de sua existência apenas (AUED, 1999, p. 23).

O ofício de barbeiro como todos os demais ofícios trazidos pelos jesuítas eram ensinados aos nativos brasileiros com o objetivo de instaurar a civilização na nova terra. Para impor a forma de vida dos jesuítas, destituíam-se as formas sociais de produção e a

vida dos índios. Criar a laboriosidade entre os índios não foi nada fácil, isto devido a seu nomadismo ancestral (AUED, 1999, p. 22). Mas foram os “*cirurgiões-barbeiros*”, *portugueses e castelhanos, cristãos-novos ou meio-cristãos-novos dos séculos XVI e XVII* que podem ser considerados os primeiros barbeiros do Brasil (SANTOS FILHO, 1991, p. 340).

Do século XVII até fins do século XIX, a profissão de barbeiro vai ser relegada aos escravos, que se destacavam como barbeiros ambulantes. Eles trabalhavam para os seus senhores cortando cabelo e aparando barbas dos negros de ganho e dos homens livres pobres que, *muitas vezes possuíam aprendizes escravos* (SANTOS FILHO, 1991, p. 341). Esses negros, mulatos e até homens livres pobres, que atuavam como barbeiros, possuíam um *instrumental que incluía navalhas, pentes, tesouras, lancetas, ventosas, sabão, pedras de amolar, bacia de cobre, escalpelos, boticões, escarificadores, alçapremas, torqueses e sanguessugas* (SANTOS FILHO, 1991, p. 341).

Debret vai retratar a atuação deste profissional que, no Rio de Janeiro, durante o início do império é *quase sempre negro ou pelo menos mulato* e desenvolve a atividade de *barbeiro hábil, um cabeleireiro exímio, um cirurgião familiarizado com o bisturi e um destro aplicador de sanguessugas*, que sabia até *executar, no violão ou na clarineta, valsas e contradanças* (DEBRET, 1965, p. 151). Daí pode-se entender que há um acúmulo de atividades por esse profissional, que o diferencia de certa forma do cabeleireiro. Debret ainda explicita que *alguns cabeleireiros mais decentes, hispano-americanos, vindos em 1822 de Montevideu, e, principalmente, os camarins perfumados dos cabeleireiros franceses da Rua do Ouvidor. Aí, com efeito, se instalou um dos meus compatriotas, trânsfuga de uma loja elegante da rua Saint-Honoré, em Paris... com uma modista muito inteligente* (DEBRET, 1965, p.153). Isto nos faz perceber que o cabeleireiro tinha um maior prestígio social, se tivermos em conta que os mais decentes eram estrangeiros e viviam em um meio cujos freqüentadores tinham condições financeiras razoáveis: teatros e camarins. Enquanto que os barbeiros, por serem escravos ou homens livres pobres, detinham um menor prestígio social, sendo seus fregueses pessoas de classes mais baixas.

Além disso, se os barbeiros destacavam-se *pela variedade que sabem dar ao corte de cabelo dos negros de ganho* (DEBRET, 1965, p. 149), os cabeleireiros fabricavam perucas e se instalavam com modistas. A presença de mulheres no local de trabalho dos cabeleireiros é significativa, pois, de acordo com as reflexões sobre o cirurgião-barbeiro do século XVIII, Betânia Figueiredo argumenta que *não encontramos nenhuma*

referência à presença de mulheres no ofício dos barbeiros (FIGUEIREDO, 1999). A questão de gênero é muito importante na diferenciação entre barbeiros e cabeleireiros. Isso nos leva a pensar que o barbeiro estava mais para área da saúde e das classes mais pobres e o cabeleireiro para área da higiene e beleza e das classes abastadas.

Em 1871, a atividade do barbeiro encontra-se dividida em três áreas: o barbeiro que faz barbas e corta cabelos, o barbeiro de lanceta, sangrador e o barbeiro de espadas (FIGUEIREDO, 1999). A utilização de instrumentos cortantes era um fator que identificava essas três atividades, pois eles possuíam *a habilidade de desempenhar trabalhos a partir da utilização das navalhas e dominavam o mesmo instrumental de trabalho: as navalhas, as lâminas, todos instrumentos cortantes e afiados* (FIGUEIREDO, 1999). Além disso, o barbeiro tinha como marca o trabalho manual. Uma atividade que, por estar vinculada com *a carne e o sangue* em uma *sociedade marcada pela presença do trabalho escravo, o prestígio do barbeiro não era elevado* (FIGUEIREDO, 1999). À medida que adentramos o século XX, sua atuação vai se restringindo apenas a fazer barbas e cortar cabelos.

Embora tenhamos apenas indícios dos barbeiros desde a chegada dos colonizadores, com os jesuítas, a trajetória destes profissionais é algo sobre o qual os historiadores muito pouco se debruçaram. Devido à escassez de fontes, registramos este pequeno esboço histórico para mostrar que eles estiveram presentes desde o início da colonização portuguesa no Brasil. Contudo, nossa proposta concentrou-se na atuação dos barbeiros em Sergipe no período de 1960 a 2007, valendo-se da metodologia da História Oral.

OS BARBEIROS EM SERGIPE (1960-2007)

Trabalhamos com histórias de vida de uma categoria profissional. Sobre esta modalidade, Bom Meihy diz que o *impacto conjunto da definição profissional pesa em determinadas realidades, o sentido profissional ganha relevo, onde as categorias profissionais que encontram razão de ser em procedimentos comuns, que determinam suas histórias* (MEIHY, 2005, p. 160-161). Nesse sentido, o entrevistado analisa a importância da profissão para a sociedade em que vive. Nesse caso, médicos, políticos, engenheiros, funcionários públicos de alto escalão podem ter uma maior facilidade de falar sobre sua vida profissional. Em outras profissões que “não possuem” tal prestígio

social, principalmente as que estão no campo da informalidade, há certa resistência dos depoentes em comentar sua profissão.

No caso dos barbeiros, foi notória a análise da importância de sua profissão acompanhada da reflexão de sua inserção na sociedade. Como o fez José Gonçalves dos Santos, quando disse que os *profissionais não sabem que ele (...) é um profissional digno da sociedade. Procurado pela sociedade. Um profissional muito aceito pela sociedade. Advogado, médico, engenheiro, todo mundo procura um barbeiro. Seja analfabeto, seja semi-analfabeto.*

O que percebemos durante o registro dessas narrativas de vida é que existe um grupo de profissionais que possuem uma identidade bem definida. São barbeiros que passaram por experiências parecidas. Estamos falando de uma geração de barbeiros das mais velhas de Aracaju, que tem como característica comum, em suas narrativas, a idealização do passado, acompanhada por uma idéia de decadência da profissão, quando não da afirmação de que o ofício está em vias de extinção. Numa das entrevistas concedidas, o barbeiro Luiz Francisco dos Santos demonstra essa idéia:

antigamente o barbeiro se destacava. Tinha um barbeiro em tal lugar: “Fulano é barbeiro!” (...) Pois! Mulher de rico, em Aracaju tem curso de cabeleireiro. E corta cabelo em casa. (...) Na frente [de cada casa] bota uma cadeira. (...) todo dia ganha dez ou vinte reais por dia, já ganhou seiscentos reais por mês. Pra quem tá desempregado não tem jeito como empregar valeu.

Essa característica pode ser resultado de uma não identificação dessas pessoas com as mudanças do tempo e do meio profissional em que vivem. O mundo está passando por rápidas transformações, que não são acompanhadas por alguns profissionais mais velhos. Vejamos uma passagem da narrativa de vida de José Gonçalves dos Santos: *[barbeiro] Tá em extinção. Quando essa (...) Geração que tem, acabar, já foi. Esse que resta, quando terminar, já vem novos métodos de trabalho, tudo diferente... Pra quem é antigo... Vai estranhar muito.*

Sendo assim, quatro são as questões principais acerca da realidade atual dos barbeiros, que apontam para uma crise de identidade profissional.

A primeira é a respeito das transformações no mundo do trabalho, mais especificamente ao avanço tecnológico que introduz novos tipos de ferramentas de trabalho, que, por sua vez, alteram o significado do ofício de barbeiros. Isso pode ser observado na citação abaixo do barbeiro Luiz:

Ói, a gente trabalhava com isso [com navalha]! E aqui é couro [assentador]. Que é pra amolar. Se não souber amolar e se tiver barba ruim passa e: “Ô rapaz, essa navalha tá ruim.” Aí passa tcha, tcha, tcha, tcha. Agora não, você pega uma bandinha de gilete... e bota [na navalheta]. Faz sua barba. Ou corta seu cabelo. Quando acabar joga aí. Pega uma outra nova e bota. Com uma gilete atende dois freguês. Barbeiro ruim é que não sabe amolar navalha.

Pela passagem acima, percebemos que Luiz define barbeiro pelo trabalho com a navalha. Saber amolar uma navalha é imprescindível para que se possa trabalhar de barbeiro. Sendo assim, se não há mais necessidade de navalha, pois ela foi substituída pelo navalhete, que tem lâminas substituíveis, como podemos definir um barbeiro, já que o instrumento que os identifica foi substituído? Estamos falando de um profissional que tem como marca o trabalho manual. *O trabalhador torna-se em peça humana que acompanha a máquina. Sua tarefa resume-se em manter a máquina em funcionamento que tem, como consequência, a eliminação não só das mãos, mas também dos próprios homens* (AUED, 1999, p.31). A utilização de aparelhos elétricos, como o secador e a máquina de cortar cabelo, revela as mudanças no modo de trabalhar dos barbeiros, que são obrigados a reinventar suas formas artesanais. Histórias de vida que parecem confirmar que a profissão está passando por um período de transição, por metamorfoses.

A luta entre o velho e o novo impele a que os primeiros sejam quebrados, e ela encontra arrefecimento quando novos costumes são instituídos. Mas até que isto se efetive impõe-se uma significativa transição histórica. Para sobreviverem, os personagens sociais reinventam formas artesanais, disseminam práticas de outros tempos históricos. (AUED, 1999, p.9).

A segunda questão se refere ao problema do desemprego, lembrada por Damascena:

Eu atribuo à concorrência [a decadência da profissão]. Meu irmão, tem milhares e milhares de salões por aí. Ói, não tem base né. Você tirou um curso, fez um curso hoje, dois a três meses. (...) [Bota] o salão aí lá se vai ele trabalhar com você, mesmo que não saiba. Aí vai fazer o que, vai cobrar dez? Vai cobrar dois, três mil réis. Porque ali amassa um, entorta outro né? Pra acabar de aprender. (...) Ô! Não tem emprego né. Você vê uns meninos aí, os rapazinhos novos, bom de trabalhar, fazer outra coisa, vai trabalhar de barbeiro. Ói! Home aí não tem no mundo quem acabe mais.

Esses jovens que adentram na área da higiene pessoal, em especial cabeleireiros, com formação no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), disputam a mesma clientela com essa geração de velhos barbeiros. Isto é facilitado, também, pela introdução dos novos equipamentos elétricos. No entanto, eles possuem um novo modo de comportamento e um novo modo de trabalho, realçando diferenças entre as profissões de cabeleireiro e barbeiro. É interessante notar que os cabeleireiros entrevistados têm uma visão de seu campo profissional mais otimista, como é o caso de Edgar Ribeiro Filho, que afirma que a profissão de barbeiro não está em extinção, mas passa por uma evolução. Daí a substituição do termo barbeiro por cabeleireiro.

O desmerecimento da profissão de barbeiro se manifesta na forma de conduta de alguns novos profissionais, que não se preocupam com a indumentária. Como nos diz Gonçalves:

Por que o barbeiro, décadas atrás era médico, (...) um dentista. E sempre usou branco! Mesmo trabalhando no interior, no mato, dia de domingo (...) no alpendre, meu guarda-pó era passado ferro, arrumadinho. Hoje os barbeiros trabalham sem guarda-pó. Falta de respeito. De chinela Havaiana. Ou chinelo aberto (...) não sabem que [são] dignos da sociedade (...) advogado, médico, engenheiro, todo mundo procura um barbeiro. Seja analfabeto, seja semi-analfabeto.

Um elemento diferenciador entre barbeiros e cabeleireiros é o preço dos cortes de cabelos, pois os primeiros cortam mais barato, enquanto os segundos cobram mais caro pelo corte. Como sua clientela é moldada pelo poder aquisitivo, a concorrência e o desemprego incidem de forma mais contundente no trabalho dos barbeiros. Neste ponto, uma análise da influência do SENAC na formação de novos profissionais a cada ano é muito importante.

A terceira questão é a entrada da mulher neste campo do mercado de trabalho. Nos últimos cinquenta anos, em Sergipe, como em quase todo mundo, as mulheres vem ocupando cada vez mais espaço como já disse Luiz: *Hoje não tem uma mulher que não é cabeleireira casada. Não é. Mulher casada não devia ser cabeleireira. Pois! Mulher de rico, em Aracaju tem curso de cabeleireiro. E corta cabelo em casa. Leva as amigas dela e ganha dinheiro.*

Podemos arriscar fazer uma ligação do fato da entrada das mulheres no campo de trabalho dos barbeiros, cuja hegemonia era masculina há mais ou menos meio século atrás, com as assertivas de Stuart Hall de que um dos fatores que contribuem para o descentramento do sujeito e também para fragmentação das identidades é o impacto do

feminismo, que emergiu com força na década de 60. Ele abriu para *contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado das crianças, etc* (HALL, 2006, p.45). Isto vem afetar diretamente os sujeitos que tem sua identidade bem definida como é o caso dos velhos barbeiros.

A reflexão sobre identidade fica mais visível quando se vê que homossexuais trabalham no campo da higiene e beleza. Os barbeiros acham que homossexuais desqualificam a profissão. Se um gay pode cortar cabelo e fazer barba, e ocupar um lugar predominantemente masculino, o que é, afinal, ser um barbeiro hoje? Podemos entrever que, nas narrativas analisadas, a decadência da profissão também coloca em evidência a questão de gênero, que se relaciona com as mudanças dos costumes com o feminismo e a questão homossexual.

É interessante observar que nos anos 1970, a “época dos cabeludos” é citada pelos barbeiros como um tempo de crise. Assim nos diz Rivaldo Feitosa de Gouveia:

Quanto menos trabalha, mais dificuldade. Eu diria que o período dos difíceis, por queda, nos anos 70, com a chamada onda dos cabeludos (...) Movimento hippie. Isso houve uma queda muito grande (...) eu não tenho certeza. Não gravei. Sei que foi na época justamente dos cabeludos, mas não sei se no início da década de 80, não posso colocar, a memória não firmou essa parte.

Por fim, a crise de identidade dos barbeiros em Sergipe se mostra mais contundente na desorganização da categoria, com o afastamento da Associação Profissional dos Barbeiros, Cabeleireiros e Similares Autônomos de Sergipe, que, anteriormente, controlava a abertura e os preços de corte de cabelo das barbearias. Como recorda Damascena:

Você não podia abrir assim [uma barbearia sem autorização da associação]. E outra coisa, tinha preço. Você tinha seu preço ali, eu tinha meu aqui, o outro tinha ali. Hoje é tudo misturado. Eu corto aqui de dez, vamo dizer, você abre um salão encostado a mim de dois mil réis. Quer dizer, vai me acabar né?

A necessidade de um órgão atuante, principalmente durante o governo do presidente José Sarney (1985-1990), é muito lembrado pelos barbeiros. Segundo ele, o congelamento dos preços foi um empecilho para o desenvolvimento normal do trabalho. O afastamento de um órgão que os represente faz com que essas pessoas se distanciem

individualmente, já que se perde um ponto de encontro para discussão em comum. Esta situação faz com que haja entre os entrevistados certa idealização do passado. Damascena explica que quando trabalhava na barbearia do *Palace ganh[ava] muito dinheiro. Ali bastava a gente trabalhar meia hora, duas horas, tava bom. Já podia ir pra casa. Tinha o povo da Petrobrás.*

Também não podemos esquecer que estes depoimentos recolhidos trazem a história de barbearias em Aracaju, como o Salão Democrático, Barbearia Nova Barra Limpa, Parque Salão, Máximo Cabeleireiros, Navalhão ou Tesourão, possibilitando acompanhar as transformações do mundo do trabalho dos barbeiros e, ao mesmo tempo, uma contribuição para a História de Aracaju, vista de um ângulo pouco comum na historiografia sergipana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, gostaríamos de esclarecer que os resultados do projeto foram positivos e instigantes para o desenvolvimento de novas abordagens sobre a história do trabalho em Sergipe. O projeto *“Cabelo, barba e bigode”: memória dos barbeiros em Sergipe (1960-2007)* não se restringiu como pretendia inicialmente, a produzir fontes históricas. A equipe executora, ao mesmo tempo em que produzia essas fontes e se preocupava em transcrevê-las para disponibilizar a público, se voltou para a análise das entrevistas, preparando artigos para serem apresentados em eventos locais e nacionais. Afinal, o trabalho do historiador não se restringe à coleta das fontes, mas passa pela reflexão com o objetivo de contribuir para difusão do conhecimento apreendido.

As discussões teóricas foram de grande valia e a ida a campo sempre surpreendia. Houve momentos de emoção, de cordialidade e até de impaciência entre entrevistador e entrevistado. Isto nos fez crescer na formação acadêmica, como também nos tornar pessoas mais humanas.

Por fim, parte da lacuna sobre a trajetória dos barbeiros em Sergipe é agora preenchida, o que vem a contribuir para a História do Trabalho em nosso estado. Ao mesmo tempo, nossa pesquisa foi importante por possibilitar aos barbeiros refletir sobre o seu significado social na sociedade contemporânea e estreitar os laços da Universidade com a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Orais

Entrevista de José Gonçalves dos Santos concedida a Antônio Fernando de Araújo Sá e Eduardo Lopes Teles. Aracaju/SE. 16 de novembro de 2007.

Entrevista de Ascendino de Assunção concedida a Eduardo Lopes Teles. Aracaju/SE. 29 de novembro de 2007.

Entrevista de José Damascena dos Santos concedida a Antônio Fernando de Araújo Sá e Eduardo Lopes Teles. Aracaju/SE. 29 de fevereiro de 2008.

Entrevista de Luiz Francisco dos Santos concedida a Eduardo Lopes Teles. Aracaju/SE. 14 de março de 2008.

Entrevista de Edgar Ribeiro Filho concedida a Eduardo Lopes Teles. Aracaju/SE. 14 de maio de 2008.

Fontes Bibliográficas

ARAÚJO, Maria Paula e FERNANDES, Tânia Maria. O diálogo da história oral com a historiografia contemporânea. In. VISCARDI, Cláudia M. R. e DELGADO, Lucília de A. Neves (orgs.). *História Oral: Teoria, Educação e Sociedade*. Juiz de Fora/ MG: Editora da UFJF/ CAPES, 2006, pp. 13-32.

AUED, Bernardete Wrublevski. *História das Profissões em Santa Catarina: Ondas largas “civilizadoras”*. Florianópolis: Ed. Do Autor, 1999. 116 p.

BARBOSA, Agnaldo de Souza. A propósito de um estatuto para a História Local e Regional: algumas reflexões. *História & Perspectiva*, Uberlândia, (20-21): 117-128, jan.-dez, 1995.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2007. 484 p.

COHN, Samuel & MATOS, Sílvia. *Os Barbeiros e as Cabeleireiras de Aracaju: Seis histórias orais*. College Station/Texas: s. ed., 2004 (xerografado).

COSTA, Emília Viotti da. Estruturas versus Experiência. Novas tendências na História do Movimento Operário e das Classes Trabalhadoras na América Latina: o que se perde e o que se ganha. *BIB*. Rio de Janeiro, nº 29 pp. 3-16, 1º semestre de 1990.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagens Pitoresca e Histórica do Brasil*. Vol. 2. 4ª ed. São Paulo: Martins Editora, 1965. pp.149-154.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 135 p.

FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002. 143 p.

FIGUEIREDO, B. G.: 'Barbeiros e cirurgiões: atuação dos práticos ao longo do século XIX'. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, VI(2): 277-91, jul.-out. 1999. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S01045-9701999000300003&script=sci_arttext&tlng=es> Acesso em: 17/01/2008.

GRUPO DE MEMÓRIA POPULAR do CCCS/Universidade de Birmigham. Memória Popular: teoria, política, método. In. FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de e KHOURY, Yara Aun (orgs.). *Muitas Memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004, pp. 282-295.

HALBWACHES, Maurice. A memória coletiva. Trad. Beatrix Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. 224 p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11.^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 104 p.

História Falada: memória, rede e mudança social. Coordenadores Karen Woreman e Jesus Vasquez Pereira. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, pp. 17-43; 219-237 e 265-271.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 5^a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 291p.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e Silêncio. In. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.9 nº19, pp.219-243, set.89/fev.90.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *História Geral da Medicina Brasileira*. Vol.1. São Paulo: HUITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1991. pp. 340-345.

THOMPSON, E. P. A história vista de baixo. In. NEGRO, Antonio Luigi e SILVA, Sérgio (orgs.) *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, pp.185-201.